



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10910 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS COM POVOS INDÍGENAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Onorio Isaias de Moura - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Fatima Rosane Silveira Souza - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Maria Cristina Graeff Wernz - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS COM POVOS INDÍGENAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Em pleno século XXI, que imagem vem à nossa cabeça quando ouvimos a palavra índio ou indígena? O que sabemos de sua existência, de onde vieram? São perguntas ainda bem atuais. Nesse sentido, a percepção que temos como indígenas pertencente a um povo, com histórias, culturas, línguas, espiritualidades, crenças, cosmologias e mitologias diferentes, causa espanto, estranheza.

Essa é uma das evidências do desconhecimento com relação aos povos originários deste país, ou uma negação por parte da sociedade ocidental, pois parece ainda existir fiscalização e cobrança em relação a um certo tipo “índio verdadeiro/puro/selvagem”. Esses fiscais, quando os indígenas estão na universidade, dirigem um carro e usam celular, por exemplo, logo sentenciam: “eles não são mais índios”. Se saíram do meio da floresta e usam roupas, perderam a identidade. Uma falácia perversa ligada às perspectivas de racialização da humanidade. Mas, quem é que julga e com qual embasamento?

A versão da história que é contada e narrada, é uma só: a do colonizador. E como descolonizar a educação, criando alternativas ao monopólio de uma única história? A reflexão que propomos tem por origem as práticas pedagógicas realizadas (ou não) na educação básica, desenvolvidas por educadores/as, nas escolas.

É nessa perspectiva que pensamos o curso de extensão XXXXXXXXXXXXXXX, uma ação que foi idealizada a partir de pesquisa no programa de Pós-Graduação em Educação da XXXXXXXXXXXXXXX e teve sua primeira edição em 2018, em parceria com o grupo de pesquisa XXXXXXXXXXXXXXX. Nas edições seguintes, juntaram-se ao grupo inicial:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Tem, como objetivo, potencializar as reflexões sobre a temática indígena no processo das relações interculturais entre indígenas e não indígenas, incentivado pela Lei 11.645/2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Essa necessidade também foi identificada pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE) do Rio Grande do Sul. O TCERS apontou, em relatório de auditoria (2016), estar pouco positivada, na rede municipal de educação básica, a obrigação do ensino da história e da cultura indígena, recomendando aos gestores públicos a efetividade de ações nesse sentido.

Nesta perspectiva, o Curso possibilita um espaço para escuta da fala dos povos indígenas e, também, de ressonância, trazendo intelectuais e sábios indígenas para o diálogo, por meio da oralidade, compreendida dentro do conceito amplo de narrativas indígenas, que são a base das culturas originárias do mundo todo, indo ao encontro de “dar ouvidos”, pois é ouvindo e potencializando o espaço para a fala indígena que o Curso faz emergir ressonâncias seminais.

As duas primeiras edições (2018 e 2019) foram presenciais e com cerca de cinquenta participantes. As três últimas (2020, 2021 e 2022), em razão do distanciamento social determinado pela situação de pandemia (COVID-19), foram realizadas de forma online, quando a participação foi aumentando exponencialmente: III Edição (2020) 474 inscritos; IV Edição (2021) 732 inscritos e a V Edição (2022) 1640 pessoas inscritas, movimento que indicou à equipe uma avaliação positiva do Curso e um crescente interesse pela temática e pela abordagem.

A transposição das atividades para o meio virtual somente aconteceu após a equipe coordenadora debater sobre vantagens e desvantagens dessa modalidade de ensino-aprendizagem. A decisão pela manutenção do Curso, demandou novas aprendizagens, pois foi necessário aprender a lidar com o ambiente virtual, não apenas em relação ao uso das tecnologias disponíveis, mas também em relação a um modo de estar nesse ambiente de tanta exposição. A opção tecnológica foi pelo uso Stream Yard e replicação das imagens para o YouTube.

A EAD e o uso de tecnologias na formação continuada de professores já tem sua história. Os professores, por seu turno, reconhecem a importância da formação continuada e as facilidades da EAD. Quais são as dificuldades? Como observado nesta ação educativa, o docente, em regra, lida com uma rotina profissional multiterno e multilocal de trabalho, com carga horária intensa de atividades. Sem prejuízo do descanso e do convívio familiar a que faz jus, ficam cada vez mais reduzidas as condições para participação em ações de formação, mesmo a distância.

Atentos a esse contexto, os autores propuseram uma formação em sistema híbrido, nas edições de 2018 e 2019, com foco na relação intercultural com indígenas, proporcionando

aproximações presenciais, propiciando o diálogo direto, em vivências de alteridade incomuns em formações semelhantes. Trazer essa experiência à reflexão ajuda a compreender os impactos desses processos para as ações de formação de professores, desenvolvidas nos anos de 2020, 2021 e 2022 de forma exclusivamente online. A efetiva inclusão dessa temática no currículo escolar é importante para a desconstrução de estereótipos e do arquivo de imagens coloniais reproduzido em relação aos povos indígenas (SOUZA LIMA, 2013).

No âmbito da educação intercultural indígena, considera-se a experiência inovadora, na medida em que contou com a colaboração de indígenas acadêmicos e não acadêmicos, do planejamento à execução, tanto no espaço virtual como no presencial. Nesse modelo, pode-se afirmar que a formação não foi “sobre” mas “com” representantes da cultura envolvida.

Também procurou atender às subjetividades dos participantes, orientando-se pelas necessidades e desejos dos cursistas, na perspectiva da dialogicidade. Oportunizou uma experiência de estar com o outro, uma vivência de alteridade que contribui para aprender com esse outro; uma experiência com dimensão universal, que “nos possibilita ver que não estamos sozinhos nesse mundo” (PACHECO, 2018, p. 47).

Os professores são importantes mediadores para a construção de representações positivas em relação aos povos indígenas em nossa história e cultura. Espera-se, portanto, que o docente estimule a reflexão crítica sobre a sociedade atual e a história de seus povos ancestrais, reduzindo o preconceito e o desconhecimento a respeito.

O tema é complexo; envolve a aproximação a culturas ainda pouco conhecidas, tanto em relação aos modos de ser e de estar no mundo, histórias, crenças, cosmologias, e mesmo ao reconhecimento da sua existência.

Metodologicamente, o diálogo entre indígenas e não indígenas foi sendo construído para que não houvesse sobreposição do pensamento de um sobre o entendimento de outro. Foi inspirada na ideia de “colaboração intercultural”, do argentino Daniel Mato (2008), baseada no diálogo entre culturas e no reconhecimento mútuo de valores e modos de vida, para alcançar a solidariedade criativa, sem a fusão das culturas.

No mesmo sentido, o círculo de cultura freireano (BRANDÃO, 1981). O círculo da cultura estimula e se alimenta de reflexões de todos os participantes; possibilita novas compreensões a respeito das dúvidas e incertezas evidenciadas pelos cursistas. No “círculo”, não há a figura do professor, mas de animador/orientador das reflexões e todos têm participação ativa. Produz modos próprios de pensar, estimula a solidariedade e a coletividade - uma maneira de produzir cultura (BRANDÃO, 1981).

A proposta inspira-se também nos ensinamentos de intelectuais indígenas e suas cosmologias, principalmente da etnia kanhgág, assim como em intelectuais não indígenas. Emerge deste movimento a Metodologia XXXX, que representa a relação e a colaboração intercultural em direta relação com as ações planejadas e executadas durante o tempo da

atividade. A potência do bom encontro e da colaboração intercultural, que afetam instâncias profundas da condição humana, a partir do reencontro com raízes ancestrais, tem resultado em aprendizagem simbólica-sensível para a equipe executora e para o público-alvo das ações propostas (XXXXXXXXXXXX)

O mito de origem kanhgág - e sua representação na arte - tem mostrado a riqueza contida nos opostos, que se complementam. Ainda, aponta a reciprocidade como um caminho para as relações interculturais. Neste processo, já prosseguindo para agregar a ação ao sentir e ao refletir, a Metodologia XXX, composta dos trançados da arte kanhgág, provoca a pensar a potência do pensamento simbólico e a desenhar o objetivo da proposta.

A dimensão simbólica, apoiada no mito, também nos auxilia a esculpir os objetivos específicos: produzir, na Universidade e na comunidade, ações que promovam aprofundamentos das compreensões da cosmologia ameríndia; evidenciar a contribuição da cosmologia kanhgág para a educação; investigar os processos educativos da escrita colaborativa entre indígena e não indígena. A dinâmica, favorecida pelo uso da tecnologia digital, possibilita o acesso a informações e conteúdos, embora a credibilidade das fontes e dos conteúdos ou da autoria, são por vezes, difíceis de aferir, principalmente para quem não opera com determinados conteúdos, como é o caso da história e da cultura dos povos indígenas.

Neste curso, foi enfática a ideia de construção de sentidos compartilhados, de identificar espaços e oportunidades de aprendizagem, especialmente em redes virtuais. O diferencial foi a colaboração de indígenas acadêmicos, estudantes da XXXXXX, pertencentes ao povo kanhgág, o que possibilitou a aproximação, a vivência da alteridade, tão importante mas nem sempre possível.

Inicialmente, a opção pela EAD, como parte do processo, tinha o propósito de facilitar o acesso ao curso. A incorporação de atividades presenciais foi uma escolha metodológica para fortalecer a produção de sentidos no encontro com o indígena, promover o diálogo entre cursistas e indígenas como meio para produzir aprendizagens mais significativas. Nas últimas edições, totalmente online, a equipe e cursistas sentiram falta das atividades presenciais, mas compreenderam que era a alternativa possível para o momento.

José Moran, ao falar sobre a experiência de aprendizagens mais significativas, lembra que o educador tem muito a contribuir para o interesse em aprender; ao sinalizar possibilidades e ajudar a construir uma dimensão mais humana e sensível de cada um de nós, torna-se um educador-luz, testemunho vivo de “formas concretas de realização humana” (MORAN, 2007, p. 74). Quando esse professor assume a condição de aprendiz, sua expectativa deve ser retribuída, em respeito à sua trajetória de vida, seus conhecimentos e saberes e à sua disposição de continuar aprendendo.

O acompanhamento das atividades e o contato com os cursistas por outros meios disponíveis foram determinando alterações no desenvolvimento do curso. Por outro lado,

pode-se afirmar que é no tensionamento, no buscar meios para dar conta dessas dificuldades, também na dimensão do diálogo, permitindo-se experimentar e explorar diferentes tecnologias, e vamos aprendendo a transpor outros desafios da docência e acolhendo o novo, o desconhecido e o diferente.

Ainda, em relação à repercussão e ao sentimento dos participantes, a avaliação de satisfação sobre o curso é realizada por meio de formulário eletrônico, indagando sobre a adequação do período de realização da atividade, da equipe de coordenação e de apoio, atividades desenvolvidas, material de apoio, recursos didáticos usados, contribuição do evento na atuação profissional, clareza na abordagem dos temas, aplicabilidade dos temas abordados, aproveitamento e organização do tempo, motivação apresentada, entre outros.

Nesse levantamento, temos identificado que, cerca de 70% dos respondentes consideraram ótimas as atividades, o material de apoio, a aplicabilidade prática, a contribuição para o aperfeiçoamento profissional e o conjunto do evento. Índices menores reportam a insatisfação em relação à limitação de interatividade com os palestrantes, o que traria prejuízo ao aproveitamento do curso.

Em relação à aplicabilidade prática do curso, destacamos a percepção de “regular”, ainda que reduzido, está presente, o que pode apontar para uma desconexão entre o diálogo intercultural e a vida em sociedade, além dos muros da escola. Por outro lado, também pode estar associada ao desenho educacional do curso, que não priorizou referências diretas a estratégias de ensino que possam ser adotadas pelo docente, mas considerou mais importante proporcionar encontros inspiradores. Confia-se na criatividade do professor em relação ao livre uso instrumental dos recursos educacionais utilizados durante o curso.

Ao longo do curso e durante o planejamento das atividades, várias questões foram emergindo, como destacamos a seguir.

A preocupação inicial do curso era a relação entre cursistas e indígenas e possíveis tensionamentos, o que não foi significativo durante as atividades. A aproximação foi estimulada e facilitada pelos indígenas acadêmicos, que trouxeram a vivência da alteridade em diferentes espaços, conseguindo tornar mais leve o movimento dos cursistas em direção a outra compreensão de mundo.

Por outro lado, no momento em que as políticas públicas educacionais de formação de professores passam a priorizar a educação a distância, observaram-se as estratégias dos professores para dar conta de operar tecnologias em situações e espaços ainda inexplorados. Nesse aspecto, nos contatos com os participantes, observamos que operar tecnologias e navegar em ambientes virtuais desconhecidos podem ser mais difíceis do que os diálogos com os indígenas.

Ao mesmo tempo, ao exercitar o deslocamento da função tradicional daquele que ensina, transfere conteúdos, disciplina e cobra conhecimentos na avaliação, esse movimento

pode ajudar o educador a refletir sobre sua prática docente diante de um diálogo intercultural pode contribuir para ajudá-lo a compreender a expectativa dos estudantes em relação à escola e à organização das aulas.

Esse processo proporcionou aos autores, aos indígenas e aos professores participantes uma experiência tão potente e sensível que será lembrada e compartilhada com carinho por muito tempo.

De uma forma bastante reduzida, e que vem ao encontro deste trabalho, pode-se considerar que, em algumas circunstâncias, a rejeição acontece porque a mudança abre um campo até então desconhecido ou cercado de crenças envolvendo dificuldades intranponíveis e, por isso, temido. Por outras, a rejeição se dá justamente por já ser conhecido o novo plano que se abre. As manifestações de apoio, por seu turno, encontram na mudança a oportunidade de inovar, de experimentar. O apoio vem, também, pela potencialidade já conhecida da mudança estabelecida.

A universidade que se reinventa e que reescreve caminhos que levam ao encontro dos conhecimentos dos povos originários, do solo que a gravita, pode tornar-se mais plural e cooperativa. Menezes e Síveres (2013) usam a imagem da tenda - como metáfora - para caracterizar a universidade. Tenda como o lugar que acolhe, com vida pulsante dentro e fora de seus limites, lugar onde se pode morar ou onde se está de passagem, local de completude e de vazios, diálogo e silêncio, comunidade e subjetividade. Desta forma constituída, pode ativar uma nova consciência através da canalização do sentimento de pertença e do fortalecimento de vínculos humanos, apesar das possíveis diferenças entre aquelas e aqueles que a constituem. Na perspectiva dos professores, a universidade-tenda pode permitir que se produzam conhecimentos que, “além de levar em conta uma ótica monocular, seguindo um direcionamento linear, ou uma visão bifocal, adota a premissa do movimento dialético que impulsiona para um olhar multifocal” (SÍVERES; MENEZES, 2011, p. 268).

Resultado dos bons encontros, encontros que são movidos pelo afeto, pelo deixar-se afetar, as “portas que se abrem” permitiram-nos viver a universidade-tenda que continuam pulsando em circularidade. Contudo, retornam em outra perspectiva, o lugar não é mais o mesmo, alguns desafios são superados, outros se anunciam.

Palavras-chave: Aprendizagens interculturais. Povos indígenas. Ambientes virtuais

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo; Brasiliense, 1981.

MATO, D. (Org.) **Diversidad cultural e interculturalidad en educación superior: experiencias en América Latina**. Caracas, Unesco-IESALC, 2008. 470 p.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus Editora, 2007.

SÍVERES, L. (Org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem.** Brasília: Líber Livro, 2013.

SÍVERES, L.; MENEZES, A. L. T. A mística da extensão nas fronteiras da sociedade In: SÍVERES, L.; MENEZES, A. L. T. (org.) **Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão das instituições comunitárias de ensino superior (ICES).** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p. 253-269.

SOUZA LIMA, A. C. de. **O exercício da tutela sobre os povos indígenas: considerações para o entendimento das políticas indigenistas no Brasil contemporâneo.** Revista de Antropologia, [S.l.], v. 55, n.2, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/59301>. Acesso em: 22 maio. 2022.

Relatório TCE RS. **Cumprimento do Art. 26-A da LDN nas escolas municipais do RS.**
http://portal.tce.rs.gov.br/portal/page/portal/noticias_internet/textos_diversos_pente_fin_A.pdf. Acesso em 23 de fev 2019

PACHECO, José F. de Almeida. **Diagnósticos e Propostas para a Educação Básica Brasileira.** Grupo de Estudos Educação Básica Pública Brasileira: Dificuldades Aparentes, Desafios Reais. Instituto de Estudos avançados da Universidade de São Paulo. 2018. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/diagnosticos-e-propostas-para-a-educacao-basica-brasileira-1>. Acesso em 23 fev 2019

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX